



Edgley Duarte de Lima

PSICANÁLISE

Homens, masculinidades e psicanálise

Desver o masculino

Blucher

HOMENS,
MASCULINIDADES
E PSICANÁLISE

Desver o masculino

Edgley Duarte de Lima

Homens, masculinidades e psicanálise: desver o masculino

© 2023 Edgley Duarte de Lima

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Beatriz Francisco

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa *Memórias de um homem sertanejo* (arquivo pessoal do autor)

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por

quaisquer meios sem autorização escrita da

editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lima, Edgley Duarte de

Homens, masculinidades e psicanálise : desver
o masculino / Edgley Duarte de Lima. – São
Paulo : Blucher, 2023.

276 p.; il.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-623-4

1. Psicanálise 2. Masculinidade 3. Homens –
Atitudes I. Título.

23-4681

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

| | |
|---|------------|
| Apresentação | 13 |
| <i>Miriam Debieux Rosa</i> | |
| Prefácio | 17 |
| <i>Maria Consuelo Passos</i> | |
| Parte I. Sobre a questão e suas vicissitudes | 21 |
| 1. Primeiras palavras: situando a problemática | 23 |
| 2. A psicanálise e a diferença sexual: uma nova cartografia para a sexuação | 37 |
| 3. Dos discursos de gênero e da teoria <i>queer</i> ao discurso psicanalítico | 91 |
| Parte II. Os homens: entre impasses e invenções | 153 |
| 4. Os homens e o masculino: do social ao sintoma | 155 |

| | |
|--|-----|
| 5. “Desver” o masculino: uma abertura à outra cena | 205 |
| Últimas palavras... por enquanto | 253 |
| Referências | 263 |

1. Primeiras palavras: situando a problemática

*Tenho o privilégio de não saber quase tudo.
E isso explica o resto.*¹

Foi dada a largada. Como Manoel de Barros, partimos do “não saber”, materializado no esforço de encontrar nas palavras um destino para o que, ao longo de muitos anos, tornou-se uma questão de pesquisa para nós: os homens e suas relações com o masculino. Tal preocupação se articula ao significativo introduzido pelo poeta: “resto”. O que resta dessa relação entre os homens e o masculino?

É certo que os nossos tempos são outros, diferentes do de Freud e Lacan, mas a grande virulência da Psicanálise, em sua potência mais criativa e de subversão, ocorre quando ela se ocupa do que resta como mal-estar próprio da nossa época. A orientação não poderia ser outra, uma vez que, em caso contrário, estaríamos jogando fora o olhar avesso, capaz de percorrer o dentro e o fora dos fenômenos sociais, culturais e políticos, que produzem

¹ Fragmento do poema “Menino do mato”, de Manoel de Barros (2015a, p. 73).

subjetividades e modos de ser. Falar das questões dos homens, transcritas, muitas vezes, em sintomas e sofrimentos, é um exercício ímpar de reflexão e análise para uma prática psicanalítica contextualizada e alinhada às demandas contemporâneas, o que requer um *mais-de-dizer* sobre a experiência masculina.

Ocorre que os homens e o masculino foram silenciados nos espaços de discussão psicanalítica, devido à compreensão de que sobre eles não se tinha muito a dizer. Assim, tradicionalmente, as pesquisas foram destinando maior investimento às questões relacionadas ao feminino, à mulher e seus nomes e deixando de lado, muitas vezes, o masculino e seus impasses. Esse posicionamento, contrariamente às indicações freudianas, tomou centralidade, sobretudo quando observada a ausência de trabalhos, nas instituições psicanalíticas e na academia, que discutam esse problema. Nesta última, não conseguimos encontrar facilmente estudos que se detenham ao masculino e suas formas de subjetivação, observada a tamanha prevalência dos estudos sobre o feminino, principalmente a partir das teses elaboradas por Jacques Lacan ao longo do seu ensino (Ambra, 2013).

Com efeito, o silêncio tornou-se uma armadura de ferro que, com frequência, impulsiona esses sujeitos a não falarem sobre suas experiências, realidade presentificada no discurso corriqueiro de que “as mulheres falam demais” e os “homens, de menos”. Desse modo, o silêncio encadeia-se com outros significantes que vão servindo para direcionar a construção subjetiva de muitos homens. Todavia, muitos deslocamentos vêm sendo observados nas últimas décadas, confrontando-nos com outros lugares e posições que destoam e, mais ainda, não conformam esse lugar para o masculino, mais especificamente a partir da década de 1980, impulsionados por dois grandes movimentos sociais: 1) o movimento feminista e 2) o movimento LGBTTTQIAP+ (na época, denominado de movimento gay). As reflexões oriundas desse momento

histórico marcaram importantes mudanças na forma como a sociedade visualizava a relação entre homens e mulheres, bem como a visibilidade de práticas sexuais não heteronormativas (Lima, Medrado & Lyra, 2019).

Visando avançar nessas reflexões, fazemos um breve esforço para distinguir as masculinidades como objeto de estudo das teorias de gênero e o masculino como posição sexuada assumida pelo sujeito na Psicanálise. Não devemos tomá-los como sinônimos, mas compreender as primeiras como a produção sociocultural de cada sociedade para definir os signos e todos os elementos simbólicos que servem para caracterizar o universo masculino, enquanto, para a teoria psicanalítica de orientação lacaniana, o segundo refere-se à posição sexuada que cada sujeito assume no processo de diferenciação sexual e que independe da própria anatomia,² uma vez que está relacionada à experiência subjetiva de cada um.

Tendo em vista essa distinção, apresentaremos um fragmento clínico que de alguma forma apresenta e, ao mesmo tempo, interpela nossas problemáticas neste livro. Alberto³ procurou a análise, a princípio, com a intenção de falar sobre seus desencontros na parceria amorosa e do medo de se deparar com o que, para ele, tem a ver com seu interesse afetivo-sexual por homens. Embora existisse um reconhecimento desse desejo, suas questões giravam em torno da dificuldade de consenti-lo.

2 Embora destaquemos o papel secundário da anatomia e seus desígnios, não deixamos de reconhecer os efeitos psíquicos do corpo, como realidade material, no processo de construção do ser sexuada. Todavia, a dimensão corporal precisa ser interpretada a partir do reconhecimento da linguagem que banha o sujeito, introduzindo-o nas trocas simbólicas e produzindo-o a partir dos processos de significação.

3 Nome fictício dado ao sujeito em análise, naquela ocasião.

De imediato, destaca-se uma questão que se sobressaiu nas primeiras sessões: a falta de referências para se reconhecer como gay, demanda que precipitou sua procura por uma análise. Essa busca foi guiada pela pesquisa do currículo lattes do analista e de lá ter se deparado com o fato de que ele era também um pesquisador do campo do gênero e das sexualidades. Assim, devido ao impasse de se separar ou não da esposa, por muito tempo arranjou-se de modo a condizer com o seu desejo, mantendo-se em um relacionamento extraconjugal com outro homem, nomeado de “amigo”, além de atribuir a sua experiência com a paternidade um dos motivos de ainda não ter se separado.

A falta de referências e sua questão com um desejo homoafetivo, inicialmente, foram o pivô da transferência, a princípio, difícil de ser manejada, já que localizava na figura do analista um saber, inicialmente sem furos, sobre seu próprio mal-estar subjetivo. O analista, para esse sujeito, encarnava a figura do mestre, o que, aos poucos, foi sendo vacilado para que ele se abrisse à experiência para além de uma verdade localizada no Outro sobre seu sintoma, a princípio sem barra (A), para um Outro com furos (Å).

A transferência se atravessava à medida que se identificava com o analista como mestre, ambos atravessados pelo saber universitário. Encontrava-se, naquele momento, diante do impasse de ter que escrever sobre o próprio mal-estar, o que retornava para ele como o medo de ser identificado constantemente pelos outros (familiares, amigos, colegas de trabalho, alunos etc.) como gay, significante que, aos poucos, foi se enlaçando em sua narrativa e passando de um significante do Outro para o que serve para nomeá-lo. No início da análise, uma recusa formulada em um tom depreciativo; depois, uma identificação.

Além disso, apresentava uma relação com as palavras e com a enunciação que às vezes era problemática. Para ele, elas o de-

nunciavam e o decifravam para o Outro, elemento central de sua fantasia, uma vez que desde pequeno era apontado pelos colegas da escola como o “veadinho”, efeito do deslizamento no processo de análise. Ambos, gay e veadinho, eram significantes que não permitiam a esse sujeito uma identificação positiva, já que estavam inscritos para ele numa lógica que o desqualificava e o colocava na posição de “menos” que os outros.

Com isso, buscava compensar esse **menos**, sendo o **mais** inteligente e encontrando no conhecimento acadêmico um lugar de afirmação de si, produzindo, como efeito, um reconhecimento por parte do Outro social. Dessa forma, almejava se tornar um “doutor” como resposta endereçada ao pai, homem “bruto” e com pouca escolaridade, que exigia dele um esforço de se afirmar como um macho dentro dessa referência, o que foi descrito por Alberto por meio de muitos embates e de conflitos com a figura paterna.

Em virtude disso, guiou-se pela busca em encontrar outros homens que, assim como ele, partilhassem dessa mesma experiência, protegendo-se pela constatação de que não era o único que estava às voltas com esse impasse no tocante à escolha do objeto homossexual. Diferentemente do que poderia se esperar de uma análise, essa não pressupõe e, principalmente, não tem como finalidade situá-lo dentro de uma identidade sexual, homo ou heterossexual, conformando-o a uma ou a outra, tampouco deslegitimar o sofrimento implicado com essa indeterminação. Não sabemos, ainda, dos desdobramentos desse encontro com o analista, embora se saiba que ali algo de novo poderá emergir. Foi realizada uma aposta, que nos permite, a partir desse fragmento clínico, extrair algumas consequências importantes para nossa questão. A primeira delas, de cunho mais clínico, como explicitado por Alberto, refere-se à falta de referenciais para se identificar como homem gay e a dificuldade de legitimar e, principalmente, de consentir com o seu desejo e interesse por homens.

Com base na natureza dessas vivências, sustentamos a hipótese de que a reordenação dos discursos e sua multiplicidade, cada vez mais autorizada, retornam para os sujeitos, frequentemente como impasses a serem contornados em suas experiências subjetivas. Portanto, cabe a nós, analistas, recolhermos os restos dessas narrativas, que quase sempre escapam às formalizações discursivas e seus imperativos.

A segunda delas, a partir do fragmento clínico compartilhado, envolve o ponto de vista social, a partir do qual podemos elencar quatro deslocamentos importantes em relação ao lugar dado aos homens: 1) no mercado de trabalho, 2) na vida conjugal, 3) na paternidade e 4) nas parcerias amorosas. Com o avanço dos movimentos feministas e LGBTQIAP+, temos observado, com certa frequência, reordenações de lugares para homens e mulheres, que produzem mudanças que vão desde a dinâmica social até a realidade subjetiva.

Evidentemente, essas mudanças requerem o exercício de elaboração e de análise dos seus efeitos, tarefa empenhada ao longo de todo o livro, na construção de cada capítulo. Por exemplo, os homens dividem, atualmente, muitos postos de trabalho com as mulheres, fato interpretado, por vezes, como uma ocupação perigosa e invasiva, e se deparam com novas demandas de amor, sobretudo quando encontram-se desorientados diante de uma mulher que diz, de maneira legitimada, o que quer e como deve gozar. Além disso, são convocados a assumir outra relação com a paternidade, socialmente chamada de “o pai presente”, o que nem sempre é uma tarefa simples, já que algo dessa relação com o Outro que encarna para um sujeito esse lugar do cuidado pode ser reatualizado e suscita angústia, medos e receios. Então, perguntamos: esses deslocamentos são produtos do declínio da função paterna, ou melhor, da queda do falocentrismo?

Para além dessa questão, um terceiro efeito suscitado pelo caso clínico tem a ver com o fato de que o binarismo encontra dificuldades, porque esse sujeito opera a partir de outro registro, ou melhor, de outras coordenadas, que possibilitam o trânsito entre as posições sexuadas (homem e mulher) e a escolha do objeto (homo, hétero ou bi), a partir de uma indefinição, a princípio, geradora de sofrimento, mas, ao mesmo tempo, uma solução encontrada para lidar com seu impasse. Porém, é preciso reconhecer que não só o binarismo de gênero se encontra em crise, mas também o próprio masculino. Um discurso falido, mas não sem consequências. Assim, o sujeito esbarra nos próprios limites da linguagem e da impossibilidade de tudo dizer sobre a posição sexuada que assume na vida. Em outras palavras, é preciso considerar que há algo dessa operação que escapa ao discurso e ao semblante.

Nesse momento, chegamos ao quarto efeito provocado pelo caso. O conflito de Alberto se situa exatamente quando ele busca, de maneira contraditória, localizar-se dentro desse binarismo. Seria essa uma das saídas para esses sujeitos que se encontram “desorientados” em relação às identidades sexuais e de gênero, em um mundo dicotômico baseado na lógica de oposição homem/mulher, homo/hétero, cultura/natureza etc.?

É inegável que a representação tradicional do masculino encontra, atualmente, rachaduras profundas, o que não deve ser interpretado, do ponto de vista valorativo, como algo bom ou ruim. Podemos falar, nos dias de hoje, de uma pluralização dessas experiências, esforço que a teórica e grande expoente dos estudos sobre as masculinidades R. Connell (1997) tenta sistematizar em: 1) masculinidade hegemônica, 2) masculinidade subordinada ou subalterna, 3) a cúmplice e 4) a marginal, todas pautadas em sua relação ou não com as normas do patriarcado.

Não carecemos de muito esforço para compreender que o homem viril, representação tão idealizada e, ao mesmo tempo, muito valorizada, também sofre certo rechaço. Não por acaso, observamos os movimentos masculinistas ganhando, na cena social, essa função de reivindicar o lugar de poder supostamente reservado aos homens. Nessa perspectiva, a questão do masculino inscreve-se em uma nova cartografia dos lugares sociais e da sexuação, tema que nos interessa mais de perto.

Do ponto de vista histórico, a crise da masculinidade contemporânea começou na década de 1960, como desdobramento dos efeitos e deslocamentos produzidos pelo surgimento do movimento feminista (Nolasco, 1995; Ceccarelli, 1997; Silva, 2006). Um dado curioso é a falta de sistematização de uma reflexão mais acurada por parte dos homens acerca dos seus processos de subjetivação. Silva (2006) indica dois pontos emergentes nesse momento de crise: o primeiro deles refere-se à criação de clubes de recuperação das masculinidades; o segundo, à feminilização do masculino, que produz mais visibilidade para outras identidades sexuais e de gênero, por exemplo, a questão trans e as homossexualidades, que contribuem, de maneira decisiva, para a construção dos *men's studies*.

Quanto ao primeiro ponto, destaca-se essa tentativa de retornar ao hegemônico, representado pelos clubes que buscam recuperar determinado modelo de masculinidade, fenômeno que vem sendo amplamente observado e legitimado por alguns discursos reacionários no âmbito da política global. A que se deve esse retorno? Temos em vista que, diante do questionamento das tradições, a própria verdade do ser também se encontra vacilada.

Outro fenômeno importante sobre essa discussão está relacionado com o processo de feminilização do masculino, que contribui fortemente para efetivar a crise que vem sendo observada nas

últimas décadas. Diante disso, operam-se algumas transformações importantes, que implicam diretamente os modos de produzir subjetividades dos homens, o que, do ponto de vista psíquico, não é sem consequências. Uma delas, a princípio, está relacionada à pluralização das formas de reconhecer e significar as masculinidades. A feminilização parece escancarar a relação desses sujeitos com a diferença, encarnada, muitas vezes, por mulheres, gays, lésbicas, trans etc., e pouco legitimada do ponto de vista social.

Em certa medida, essa questão pode ser traduzida pela seguinte equação: quanto mais próximo do feminino, menos homem, e vice-versa. O “mais” e o “menos” conjugam-se de tal forma que a condição do macho se vê reduzida a esse cálculo e a torna refém de uma trama discursiva que empobrece as narrativas de vida de muitos homens. Poderíamos, então, falar de um “mascarado viril”, parafraseando a expressão que ficou conhecida por Joan Rivière (1929/1999), “a mascarada”? O próprio Lacan (1972-1973/2008, p. 38) adverte-nos: “Um homem, isto não é outra coisa senão um significante”. Isto é, o ser do sujeito só pode ser definido como função predicativa, dada a inconsistência que envolve a sua produção. O que, portanto, dessa operação de construção do lugar viril se desvela como ponto de inconsistência dessa representação, cada vez mais imprecisa e insuficiente para significar a experiência dos homens?

São dois questionamentos que perfazem um caminho profícuo na elaboração de um saber sobre esses impasses e, mais do que isso, sobre tais deslocamentos. Indo além, a noção introduzida nesta tese de uma virilidade mascarada aponta, necessariamente, para sua falta de consistência e, por isso, a elaboração de um saber-fazer com isso que escapa ao próprio sujeito.

A hipótese que sustentamos neste trabalho é de que o “ser homem” tem caído, cada vez mais, no campo de uma indeterminação que, por vezes, retorna para esses sujeitos causando angústia,

mal-estar e sintomas associados a essa condição. Ademais, esse momento de crise das representações clássicas e, conseqüentemente, de queda dos vários semblantes que antes serviam para balizar e orientar a experiência dos homens no laço social provoca novas torções que implicam o esforço de elaborar novas saídas para essa experiência.

Partindo da constatação de que o binarismo de gênero tem sido constantemente colocado em questão, vê-se que as noções de homem e mulher se encontram estremecidas e até mesmo trincadas, abrindo fissuras importantes para os processos de identificação e de construção identitária. Podemos extrair disso ao menos duas conseqüências: 1) de um lado, a desorientação dos lugares e das posições antes associados ao masculino e ao feminino; 2) por outro, a abertura as novas formas de sexualização. Ambas contribuem decisivamente para a construção de um mundo mais plural e, principalmente, para a necessidade de um olhar mais atento para essas transformações.

Tais mudanças implicam novas formas de inscrever os sujeitos no laço social, que podem ocorrer por vias mais mortíferas, impulsionando-os para o pior. Aqui retomamos, mais uma vez, o caso de Alberto, para falar do quinto efeito produzido em sua construção: a relação dos sujeitos com os discursos. Para Lacan (1969-1970/1992), em *O seminário, livro 17 – o avesso da psicanálise*, o sujeito é feito do discurso e dos significantes-mestres suportados por eles. Não é à toa que ele se dedica, nesse seminário, a formalizar os quatro discursos que incidem diretamente sobre o laço: o discurso da histérica, o discurso do mestre, o discurso universitário e o discurso do analista.

Nesse sentido, não cabe o menosprezo ao que discursivamente circula nos espaços públicos e que compõe a retórica social. Os discursos de gênero e *queer* têm grande impacto nesse processo de

reordenação dos lugares e das posições assumidas por homens e mulheres na cena pública. Interessa-nos, de perto, tecer uma análise sobre as novas formas de identificação e as produções subjetivas suportadas por esses discursos, uma vez que esses processos têm ressonâncias importantes e incidem diretamente sobre os sujeitos.

Na contramão de alguns discursos que se impõem de maneira rígida, sobretudo no campo das identidades sexuais e de gênero (Leguil, 2016), a Psicanálise, em sua orientação freudo-lacianiana, introduz o que, a partir do caso relatado, podemos nomear como um *savoir-faire* com o sintoma e o mal-estar inerente a ele. Seguindo o rastro deixado por Freud, o último ensino de Lacan caminha em direção à dimensão do Um e sua relação com o sintoma, ou seja, com o núcleo real que não se elimina. É preciso construir um saber-fazer com o que tropeça na experiência do sujeito, tarefa que o analista, dentro desse dispositivo analítico, deve sustentar.

Diferentemente do que se espera, a Psicanálise não compactua com o silêncio, antes, não por acaso, ela parte da fala e da possibilidade de enunciação garantida a cada sujeito sobre o que diz respeito ao seu mal-estar. Mais ainda, o analista é porta-voz dessa invenção que cada analisante se esforça para fazer com seu sofrimento. É preciso levar em consideração a “travessia” implicada nessa operação, porque esse significante remete ao caminho trilhado por cada um no processo de construção de si.

Interrogar o masculino e suas vicissitudes, para além de um registro fálico e do reconhecimento de outras formas de sua significação, convoca-nos a uma viagem de descobertas e aventuras, para fazer avançar o saber, que está sempre do lado do sujeito, sobre as formas de acolher aquele que sofre. De antemão, legitimamos o sofrimento subjacente para alguns homens produzido nesse processo de construção das masculinidades. Partimos da constatação de que existe um sujeito que sofre. Tal reconhecimento é o nosso

ponto de partida, porque é com ele que traçamos as coordenadas que servem para orientar a construção deste livro e todas as suas implicações.

Mais uma vez, recorremos à poesia de Manoel de Barros (2015b, p. 45), que nos adverte: “As coisas que não levam a nada têm grande importância”. O encontro com o analista pode ser esse caminho que leva ao nada, porém, isso não é sem importância. O sujeito que sofre, rechaçado, muitas vezes, por determinados discursos, tem no dispositivo analítico um lugar de endereçamento, talvez não o primeiro, mas um destino possível. Sigo com o poeta: “Eu falo desemendado” (Barros, 2013, p. 146), anunciando aí o lugar de enunciação do analisante em sua travessia de análise. “Desemendar”, como verbo, indica romper as ligações, construindo alternativas e introduzindo novas emendas.

Os testemunhos de passe de alguns homens servirão para isso: recolher dessas experiências um saber, sempre do outro e, por isso mesmo, singular, de lidar com o nosso tropeço. Homens que se inventaram à sua maneira, construindo novas formas de se relacionar consigo mesmos, com o Outro e com o amor. De uma norma rígida, por vezes, nomeada de fálica, ao encontro com o outro de si mesmo, numa Outra cena. Ou melhor, de um gozo fálico, mas não sem ele, ao Outro gozo, ao qual Lacan dedica todo o seu último ensino, em busca de sua formalização.

No caso de Alberto, observamos que, devido à desorientação para articular sua experiência subjetiva com a diversidade de discursos empenhados no social, o sujeito recorre ao analista como o oráculo, por excelência, do seu enigma. Há, imaginariamente, a suposição de um saber, um saber-verdade, capaz de responder a interrogação daquele que demanda uma escuta. Porém, com Lacan (1969-1970/1992, p. 54), sabemos que a verdade é sempre semidita, não toda possível de dizer. Ao se interrogar sobre o que é

a verdade, responde: “é, a saber, a impotência”. Disso resulta a diferença radical entre a posição do analista e o discurso do mestre, considerando que sua grande subversão é não ter a pretensão de indicar a solução. Cabe a cada um construí-la.

Coincidentemente ou não, *impotência* tem sido um significante-mestre mobilizado na fala de muitos homens que chegam à análise endereçando seus sofrimentos. Homens angustiados ao se deparar com a falta de um saber-fazer com o Outro, com a perda de suas referências clássicas e com as questões emergentes sobre sua condição masculina. Disso resulta, com certa frequência, a produção de inibições, principalmente no campo da vida afetivo-sexual, como na época das históricas de Freud.

Assim, este livro busca identificar e analisar as invenções de algumas saídas construídas por homens em suas relações com o masculino e suas múltiplas nomeações. Ademais, toma como centro de análise a discussão sobre o binarismo fálico e sua queda, e ressalta a possibilidade de novas modalidades de inscrever a experiência masculina, a partir da abertura ao Outro gozo e seus redirecionamentos na contemporaneidade.

Advertidos de que a noção de feminino em Lacan não se refere, em seu último ensino, ao gênero mulher, mas à posição sexuada não toda referida ao registro fálico, inscrita para um determinado sujeito, temos aí o nosso ponto de partida. Mais ainda, uma vez que feminino e masculino relacionam-se às modalidades de gozo, qual seria a relação entre ambos e os efeitos para os homens que experimentam algo desse outro gozo?

É certo que o não todo, como representante da alteridade do gozo, torna-se uma alternativa para muitos homens no final de uma análise, sobretudo para aqueles que estão embaraçados com o ideal viril. No social, a expressão “masculinidade tóxica” tem sido bastante mobilizada, o que, de algum modo, diz da posição

de vulnerabilidade em que eles podem se colocar não raras vezes. É preciso passar de uma posição para outra, do tóxico e viril para outras modalidades de inscrição – mais dignas – no laço social. Tarefa nem sempre fácil, mas possível.

Para tanto, faremos a meta-análise (Lovato, Lehnen, Andretta, Carvalho & Hauschild, 2007; Queiroz, 2020)⁴ de cinco entrevistas realizadas por Gama (2015) em sua dissertação de mestrado intitulada “*Né homem não?*” – *retratos das masculinidades: entre as singularidades e a hegemonia*, defendida em 2016 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nessa pesquisa, a autora analisou e refletiu criticamente acerca dos modos de subjetivação masculinos em cinco entrevistas narrativas com homens de classes populares da cidade de Recife (PE). Além disso, foram analisados dois testemunhos de passe de analistas homens, cujo objetivo é de descortinar algumas questões centrais nas experiências desses sujeitos em suas travessias e, principalmente, em seus impasses relacionados à querela fálica e o que está para além dela no término de suas análises. Trata-se dos testemunhos dos psicanalistas membros da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Jésus Santiago e Leonardo Gorostiza.

Para tal, seguiremos os rastros deixados por Freud e Lacan acerca de como ambos situam essa problemática, sem que, para isso, deixemos de olhar também para os caminhos que vêm sendo traçados em nossa época, por meio do conjunto de contribuições extremamente valiosas do campo de estudos *queer* e das teorias de gênero. Por fim, partiremos do nó, de seus enlaces e desenlaces, com um novo olhar para o fenômeno aqui apreendido.

4 A meta-análise pressupõe a realização de uma nova interpretação dos dados e da análise já empreendida, dando visibilidade a novos aspectos, até então não observados ou pouco explorados (Queiroz, 2020).



A presente obra aborda as principais questões relacionadas aos impasses dos homens no tocante às suas experiências com o masculino, a partir de uma leitura psicanalítica de orientação freudo-lacanianana. Parte, portanto, da seguinte proposição: “O homem não existe”, apontando para o campo de indeterminação da representação do masculino na atualidade. Para tanto, a análise empreendida é fiada a partir da interlocução direta com outros campos disciplinares (teorias de gênero e *queer*, por exemplo) e da proliferação maciça de discursos sobre o tema, recolhendo deles os seus efeitos nos modos de produção de subjetividades masculinas. Toma como centro de análise a discussão sobre o binarismo fálico e sua queda e ressalta a possibilidade de novas modalidades de inscrição da experiência masculina, vislumbrando a abertura ao Outro gozo e seus redirecionamentos na contemporaneidade.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-623-4

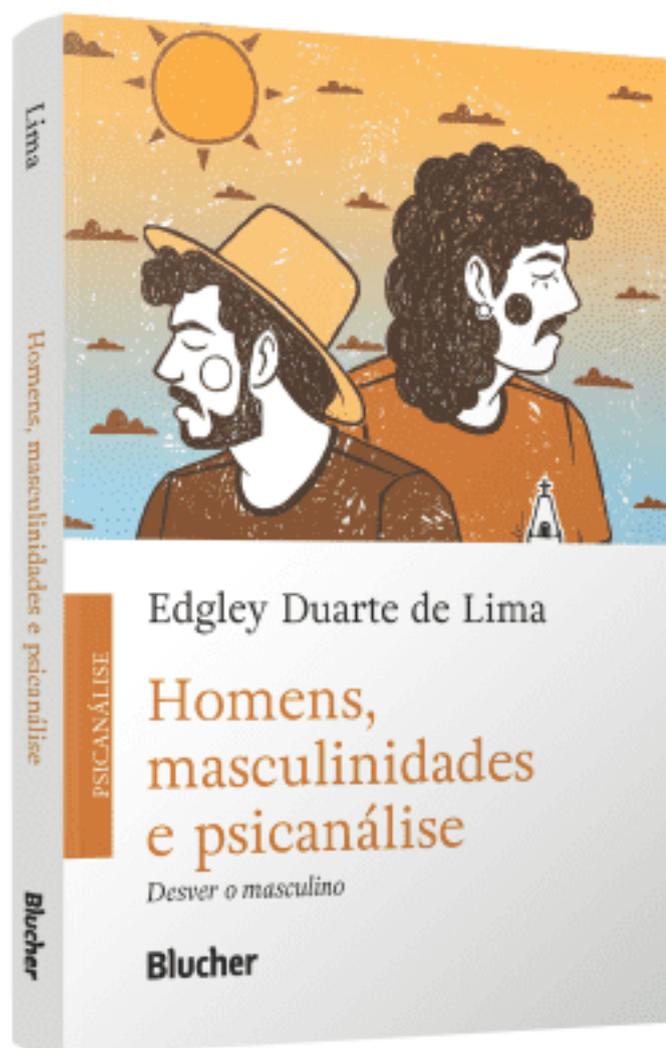


9 786555 066234



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Homens, masculinidades e psicanálise

Desver o masculino

Edgley Duarte de Lima

ISBN: 9786555066234

Páginas: 276

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
